

Eduardo Lourenço

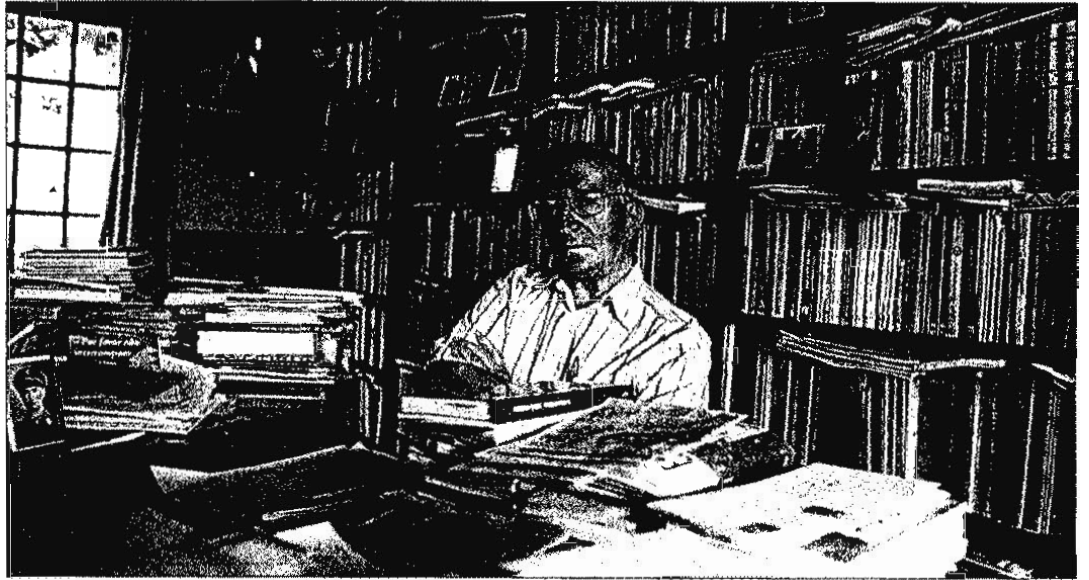
# Interrogações do futuro

A principal especialista da obra do autor, como filósofo da cultura, analisa o seu novo livro, de polémica(s) *Destroços*, que inclui textos há muito publicados na imprensa e inéditos

■ MARIA MANUEL BAPTISTA

Numa entrevista a Carlos Vaz Marques, para a TSF, à questão, pertinente de resto, 'porque se havia tornado numa figura consensual na Cultura Portuguesa', Eduardo Lourenço respondeu, um pouco estupefacto: «Mas eu não sou assim tão consensual... Talvez ultimamente se tenha passado um pouco essa ideia, mas, na verdade, a minha intervenção cultural foi sempre muito de combate e de polémica».

Ora, é precisamente desta faceta de polémica e combate intelectual que o livro, agora editado, do nosso maior filósofo da cultura, *Destroços*, constitui cabal testemunho e incontornável referência, não só na área dos estudos lourenceanos, mas para todos aqueles que se interessam pela Cultura Portuguesa. Este é um livro que só aparentemente nos vem do passado, pois que no seu âmago mais profundo interroga-nos a partir do futuro, do que ainda não somos e talvez nunca venhamos a ser. Este 'novo' Eduardo Lourenço revela-nos desde textos absolutamente inéditos, e que, em nossa opinião, podem mesmo vir a desestruturar a forma como vulgarmente abordamos a nossa história colectiva e as nossas auto-imagens em áreas culturais diversas, até páginas 'perdidas' (que não esquecidas!) em suplementos literários das décadas de 60, 70 ou 80, ou mesmo em congressos de congressos, de difícil localização - até porque se encontram no estrangeiro ou em mãos de investigadores que, infelizmente, as guardam apenas para si próprios, como verdadeiras 'jóias' que de facto são. Participam estes ensaios de um conjunto muito mais lato de textos que Eduardo Lourenço escreveu nos últimos 60 anos e ou manteve inéditos ou deixou dispersos em múltiplas publicações de índole diversa. Só quem não conhece a extensão e a qualidade do que se encontra ainda por publicar pode ficar admirado ou já satisfeito com esta publicação. Trata-se apenas da ponta de um vasto 'iceberg' ainda desconhecido para a generalidade das pessoas. Temos, no entanto, boas razões para afirmar que esse enorme continente de escritos e reflexões, uma vez conhecido e devidamente estudado, projectará uma nova luz para o interior não só da obra lourenceana, mas para muitas outras do século XX (e já XXI) europeu, português e lusófono. Trata-se, em suma, de peças fundamentais em muitas áreas da nossa vida cultural e de inestimável valor para compreender diversas figuras e outras obras com as quais dialogou e dialoga, intensa e vivamente. Este livro é, por isso, um pequeno tesouro, quer para investigadores de diferentes áreas; quer para descomprometidos amantes da Cultura Portuguesa. A abrir, surge um texto de 'polémica virtual' com António José Saraiva (AJS), a propósito da forma como este 'leu' a obra de Gil Vicente e a integrou no contexto da nossa cultura. A fechar, a polémica 'real', nas páginas do JL, no final da década de 80, com Rui Knopfli, em torno do trágico e da tragédia, questão absolutamente central no estudo do ensaísta lourenceano e da cultura contemporânea. O 'pré-texto' da polémica com AJS é apresentado logo no início deste ensaio, datado da década de 60, mas ainda hoje perfeitamente legível (talvez mais legível hoje até do que na altura em que foi escrito): «O carácter celestástico do



Eduardo Lourenço: «É de não nos vermos ou de não merecermos ver-nos que nasce a melancolia cultural autêntica»

teatro de Gil Vicente salta aos olhos do mais desprevenido leitor. (...) Todavia, esta evocação não impede toda uma tradição crítica de se agarrar às abas do gibão de Mestre Gil para o reivindicar como expoente de não sei que espírito racionalista, crítico e, santos céu, até 'revolucionário'. Arrancando desta oposição, tão viva e tão claramente exposta, às perspetivas de Saraiva, Lourenço vai distinguindo, sucessivamente, Gil Vicente de Erasmo e de Shakespeare, ao mesmo tempo que discute possíveis influências de S. Francisco, S. Agostinho e S. Tomás de Aquino, concluindo pelo 'não humanismo' vicentino, quer dizer, recuperando esta obra pela via da sua profunda consonância com o sagrado cristão definido, o que afinal coincide com o fundo da Cultura Portuguesa da época (mais portuguesa e menos europeia do que, porventura, AJS parecia desejar). Num outro lado encontra Eduardo Lourenço a originalidade Mestre Gil, virando-lhe o verso gibão do avesso: o que a obra de Gil Vicente sinaliza e revela, porventura sem disso ter plena consciência, é um profundo mal-estar na sociedade portuguesa da época, que aparecendo qua se sempre sob a forma 'cómica' só ganha pleno sentido em função de «um irracional implícito», aquele que parte da percepção dos primeiros sinais de dissolução

em que o seu 'olhar' pousa, utilizando para o efeito, frequentemente de modo implícito, uma instrumentação teórica e conceptual de assustadora complexidade. O resultado é o que este livro mais uma vez apresenta, confirmando que, depois de ler Lourenço, já não se olha para as coisas da mesma maneira. Não é que tenha as respostas para tudo, mas o facto é que nos leva «a pensar tudo de novo...», como se o mesmo fosse agora 'outra coisa' e nos solicitasse também de um outro modo. Perturbante, pois, este, afinal 'novíssimo', Gibão de Mestre Gil.

Isto mesmo é válido para outros ensaios absolutamente inéditos que este livro apresenta, viagem pelos textos que aqui não fazemos por absoluta falta de espaço. Não podemos, no entanto, deixar de destacar uma análise fenomenológica do Baião, que conclui pela consideração deste movimento como um dos mais importantes da nossa cultura, senão o mais original de quantos viram a existência em solo luso ou pelos portugueses 'trans-ex-portado'. Já o ensaio intitulado «O adolescentismo da moderna literatura portuguesa» (originalmente escrito em 1959) dialoga perfeitamente com o que leva o título «A Chaga do Lado da Cultura Portuguesa»

equipa de especialistas na matéria, e por várias vezes. Embora de modos diversos, participam num mesmo pano de fundo relativo a questão da identidade cultural portuguesa os ensaios «Nacionalistas e estrangeirados», «'Lá fora' e 'lá dentro' ou o fim de uma obsessão», e «Uma querela de Fantasmas». Neste último, repetirá o que já na década de 60, num texto de 'polémica virtual' com José Régio, havia defendido: «Existamos com natural convicção e convincente presença para nós mesmos e o resto virá por acréscimo». Referimo-nos ao citado e precioso «A Chaga do Lado da Cultura Portuguesa», datado de 1962 e, até agora, 'perdido' na suplemento literário do Comércio do Porto. Trata-se, em nossa opinião, de um dos mais lúcidos e belos textos sobre a Cultura Portuguesa, adiantando em quase duas décadas, o que serão as principais teses de *O Labirinto da Saudade* e, mais tarde, de Portugal como Destino. Não é aqui o tempo nem o lugar para proceder à análise deste ensaio, o que de resto foi já feito, em parte, noutra local. Fica apenas a nota de que a sua leitura é hoje, em Portugal, não só actual e relevante, mas absolutamente necessária e urgente. Não resisto, por isso, a deixar aqui um pequeno excerto: «É de não nos vermos ou de não merecermos ver-nos que nasce a melancolia cultural autêntica. Ela existe mas não pode ser vencida com a miragem de alheios espelhos. É nosso assunto. Quando o resolvermos, o resto nos será dado por acréscimo». É precisamente porque, passados mais de 40 anos sobre estas reflexões continua a fazer sentido combater uma tal melancolia cultural, aquela que só os nossos próprios olhos podem curar, que este livro, afinal é muito mais do que simples *Destroços*, os de Eduardo Lourenço e os nossos, como Patria, como História e como Cultura. São *Destroços*, sem dúvida do passado, mas que, verdadeiramente, nos interpelam do futuro que não somos

■ Eduardo Lourenço. *DESTROÇOS*. Ed. Gradiva, 196 pp, 13,50 euros

\* A autora é docente e investigadora do Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro, doutorada com o tese Eduardo Lourenço, a paixão de compreender já publicada pelo Campo das Letras



“Um livro que dá cabal testemunho e constitui incontornável referência - não só na área dos estudos lourenceanos, mas na Cultura Portuguesa - do combate intelectual de Eduardo Lourenço”

de um mundo medieval e cristão. A verdadeira tragédia para Gil Vicente seria a que ele pressente no «desinere-se por essa tragédia da salvação... Todo o teatro vicentino se dá, assim, o sinal implícito de um 'desconforto' civilizacional, cujo resultado ruinoso se tornará explícito apenas nos séculos XIX e XX, às portas da nossa actual pós-modernidade. Dissemos já, nos três contextos, o que nos parece constituir a profunda originalidade de Eduardo Lourenço: a sua capacidade de fazer emergir o lado obscuro de tudo aquilo

sa», através da categoria do 'irrealismo' que Lourenço encontra nos seus meandros mais inesperados. Na verdade, para o ensaísta, a moderna literatura portuguesa sofre de uma espécie de adolescentismo (sobretudo no que respeita ao romance), pois que «tem as Palavras sem ter a plenitude das Coisas». Nesse sentido, Eça de Queiroz teria sido o no 99 último romancista adulto, pelo menos até à década de 60. Tal como os restantes, trata-se de um ensaio que só por si poderia tornar-se projecto de investigação-reflexão para uma vasta